



Director literario:
Arquitecto Camillo
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Malta
 PAPUSSE

O S R A T O S

POR
 GRA
 CI
 ETTE
 BRAN
 CO



DESENHO
 DE
 EDU
 AR
 DO
 MALTA

...rrrrrr... rrr... rrr...
 ...rrrr... rrr... rrr...
 — Schiu!... O que é aquilo?
 Ora escuta, Camilo...
 ...ali... no guarda-fatos...
 ...rrrr... rrrr...
 ...rrrr... rrrr...
 — São ratos!
 ...rrr rrrr...
 ...rr r...
 — São ratos!
 — São.
 — Então,
 e o meu calção?
 e as botas?
 e os sapatos?
 ...rrrr... rrrr...
 — Faze barulho, Quim...
 p'ra ver se eles assim
 se espantam...
 — Catapum!

— Isso! Isso! Outra vez!
 — Pum!
 Pum!
 Catapum!
 ...rrrr... rrrr...
 ...rrr... rrr...
 — Não esmorece!...
 Mais! Mais! Mais!... Isso... Assim!...

 — Oh! O' Camilo! O' Quim!
 Mas que barulho é esse?
 — Ai! o Papá!
 Adeus!
 — E os ratos?!
 — Deixa lá...
 — Oh!
 e o calção? e os sapatos?
 — Deixa lá,
 dou-te os meus;
 Vá,
 faze ó-ó...
 adeus!

O JOSÉ PEQUENO

POR MARIA LEONOR LIMA BRANDES

Desenhos de EDUARDO MALTA



RA uma vez um rapazito que, chegando aos dez anos, não cresceu mais, e foi por isso que os habitantes da Aldeia lhe começaram a chamar José Pequeno.

O rapaz tinha a monomania de subir todos os dias à planície do monte, e ali querer que todos os passarinhos lhe respondessem a certas perguntas! Ora, naquele tempo, já os animais tinham perdido a fala e, por mais perguntas que

o José Pequeno dirigisse, não obtinha resposta. Isto trazia-o um pouco apreensivo. Numa tarde, fresca como a água que vai na torrente do regato, juntar-se às águas que no ribeiro suavemente passam, foi o José Pequeno surpreendido pela filha mais nova do regedor da freguezia, que se abeirou do José Pequeno, sem êste dar por isso.

— Que fazes por aqui? Pareces um louco, falas sôzinho?! Dize, que vens aqui fazer?

— Eu, menina? Não sei que faço, ou por outra, não sei se faço bem, se mal.

— Então que é?

— Não vale a pena contar-lhe o que por aqui me traz, se lho contasse, chamar-me-ia idiota.

— Não, José Pequeno, eu sei que és um rapaz muito ajuizado, por isso não me atrevia a chamar-te idiota. Dize, portanto, o que vens aqui fazer à planície do monte.

— Olhe, já subi o monte mais de vinte vezes, porque tenho sonhado todas as noites que, aqui, na planície, encontraria a minha fortuna, que alguém aqui me diria onde está escondido um objecto que vale uma grande fortuna.

— E tu, acreditas?

— Sim, tenho fé em Deus que hei-de encontrar quem me indique onde está esse objecto.

— Tudo isso não passa dum sonho. Ouve:—Eu também sonhei duas noites que, se fosse a um sítio onde a água do monte passa sobre uma pedra musgosa, ali encontraria uma coisa surpreendente, e vim hoje de propósito à beira do regato, muito minuciosamente, a ver se descobria a tal pedra musgosa, e eis-me aqui chegada, tendo só visto no regato, pedras muito brancas, muito lavadinhas. Já vês que não devemos acreditar em sonhos.

O José Pequeno tomou muito sentido nas palavras da filha mais nova do regedor, que era a mais linda menina daquelas redondas, e calou-se, muito caladinho. Deixaram a planície e, cá em baixo na Aldeia, foi cada um para seu lado.

O José Pequeno, naquela noite não dormiu a pensar no sonho daquela menina tão bonita. Ainda não tinha nascido o sol, ouviu a buzina do pastor chamar as rezes para o pasto, (as rezes eram as cabrinhas e as ovelhinhas) e levantou-se logo e foi monte acima, à beira do regato, em busca da pedra musgosa.

O José Pequeno foi andando, andando, sempre à beira do regato, e em certa altura sentou-se numa pedra a descansar, um pouco, e olhando a água pura e cristalina ia falando consigo mesmo:—Ora, se eu sonhei tanta vez que encontraria na planície do monte, a minha fortuna, quem me diz que não é a filha do regedor a pessoa que me dará essa felicidade? E foi assim monologando que o José Pequeno, distraidamente, olhou para o regato e viu uns limos à superfície da água. Baixou-se a ver se os limos estavam agarrados

a alguma pedra, e era verdade, os limos creciam numa pedra musgosa. Levantou a pedra do regato, lavou-a muito bem e viu muito admirado que a pedra, (do tamanho e feição das pedras que os sapateiros usam para bater sola) tinha um brilho resplandecente, e os seus raios eram penetrantes como os do sol. O José Pequeno nunca tinha visto uma coisa tão bonita! Envolveu novamente a pedra em limos e meteu-a no seu saquinho da merenda, levou-a para casa e foi escondê-la no chiqueiro, debaixo da pia dos cevados, não sabendo o destino a dar à pedra.

Um dia subiu à planície do monte, já certo de que a pedra valia uma grande fortuna, mas que nas suas mãos de nada lhe valia. Lá em cima, na planície encontrou o rei, que caçava com a sua comitiva.

O José Pequeno dirigiu-se ao rei dando-lhe os bons dias, e pediu-lhe autorização para falar.

— Que queres tu, rapaz? lhe perguntou o rei.

— Falar com Vossa Magestade em particular, sobre um assunto que lhe deve interessar mais que todas as perdizes do mundo.

— Não pode ser, rapaz, porque além dos interesses da Nação, nada mais existe no mundo que me interesse tanto como caçar perdizes.



— Pois o que viu contar-lhe é mais importante, e Vossa Magestade me dar razão.

— O que me dizes está a interessar-me, e então vamos para ali para detrás dos salgueiros, longe dos ouvidos e da bisbilhoteca da minha comitiva. E lá foram, o rei e o rapaz. O José Pequeno contou ao rei lim, tim por tim tim, como encontrou a pedra, e os raios brilhantes que dela saíam.

O José Pequeno no dia seguinte levou dentro do seu saquinho da merenda, à casa de campo do rei, a sua grande pedra preciosa. O rei ficou muito contente com o presente



nha dado ao José Pequeno tão grande felicidade, e que, casando com êle, da mesma compartilhou.

Deu-lhes Deus um menino e uma menina, lindos como dois amores, que eram a alegria daquele lar.

O José Pequeno era, o que se chama, uma alma boa, uma alma generosa. Empregou nas suas propriedades todos quantos lhe pediam trabalho, e, dali em diante, não mais houve miséria em casa dos seus conterrâneos. E assim, satisfeito



do José Pequeno, e não deixou mais o dador, sair da sua companhia.

O José Pequeno acompanhava o rei para toda a parte, e quando chegou à maior idade, ofereceu-lhe o rei, por gratidão, grandes e férteis propriedades.

Não se sabe o destino que o rei deu à pedra preciosa, o que se sabe é que aquele pequeno reino se tornou o mais rico de todos, e que o José Pequeno casou com a menina mais bonita daquelas redondas que não era outra senão a filha mais nova do regedor da freguesia, aquela que ti-

por praticar só boas acções, viveu o José Pequeno em companhia de sua mulher e dos filhos, muitos anos, rodeado de todos os confortos e da maior felicidade.

F I M

AVISO

Aos coleccionadores do nosso suplemento infantil

JÁ SE ENCONTRAM EM EXECUÇÃO
AS CAPAS PARA ENCADERNAÇÃO DO NOSSO SEMANARIO
ABRANGENDO OS NUMEROS DE

1 A 56

COM QUE FECHA O PRIMEIRO
VOLUME RELATIVO AO ANO FINDO

CAPA CARTONADA EM PAPEL «COUCHE» COM UMA LINDA
TRICROMIA E RESPECTIVAS GUARDAS

Pedidos à nossa administração: — Rua do Seculo, 59 — LISBOA



Os dois sonhos de Joaquina

POR MARIA ROSA RESÉDÁ

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



JOAQUINA era uma gentil morenita de dez anos. Muito caridosa, nunca se esquecia de repartir com os pobresinhos o dinheiro que os pais lhe davam para os seus brinquedos. Podiam viver felizes se não fosse Joaquina ter dois grandes defeitos: — era muito desobediente e ainda por cima mentia. Os pais sentiam um grande desgosto com isso e com muita razão. Ainda tiveram esperança de que, com a sua primeira

comunhão, Joaquina se emendasse. Mas em breve o desânimo lhes entrou na alma ao verem que a filhinha continuava sempre a pior. E já que eles nada conseguiam, voltaram-se para Aquele que tudo pode, resolvidos a esperar com confiança.

Naquela manhã, a mãe de Joaquina tinha tido um presente de meia dúzia de deliciosas trouxas de ovos. Muito amarelinhas, com a calda a escorrer, estavam mesmo apetitosas. Ao almoço cada um comeu a sua e Joaquina, que não tinha ficado satisfeita só com uma, viu com tristeza a mãe guardar as restantes no armário da casa de jantar. Todo o dia esteve a pensar nas trouxas de ovos, e, por fim, sem poder calar-se mais tempo, pediu à mãe que lhe deixasse comer ao menos uma. Mas ela respondeu-lhe:

— Já te disse, ao almoço, que só logo é que te deixo comer. Tem paciência que já não falta muito.

A mãe saiu e Joaquina ficou a fazer um vestidinho para a boneca. A chave do armário tinha ficado em cima de uma mesa e cada vez que a pequenita erguia os olhos da costura não podia deixar de olhar para ela. Parecia que a estava mesmo a tentar. Levantou-se da cadeira e pegou na chave. Iria só vê-las; assim não fazia mal. Pé ante pé, para a criada não ouvir, dirigiu-se à casa de jantar. Abriu o armário. Lá estavam elas tão apetecíveis! Joaquina pegou numa, esteve um bocadinho a examiná-la; depois, deu-lhe uma trincadela-zinha. Por um instante lembrou-se da proibição da mãe; mas a tentação foi mais forte e umas, após outras, as três trouxas passaram do prato para o estômago da desobediente pequena. Estava comendo a última quando lhe pareceu sentir passos. Fechou muito depressa o armário e fugiu para o quarto. Quando a mãe voltou, Joaquina continuava coendo e a chave estava no mesmo lugar.

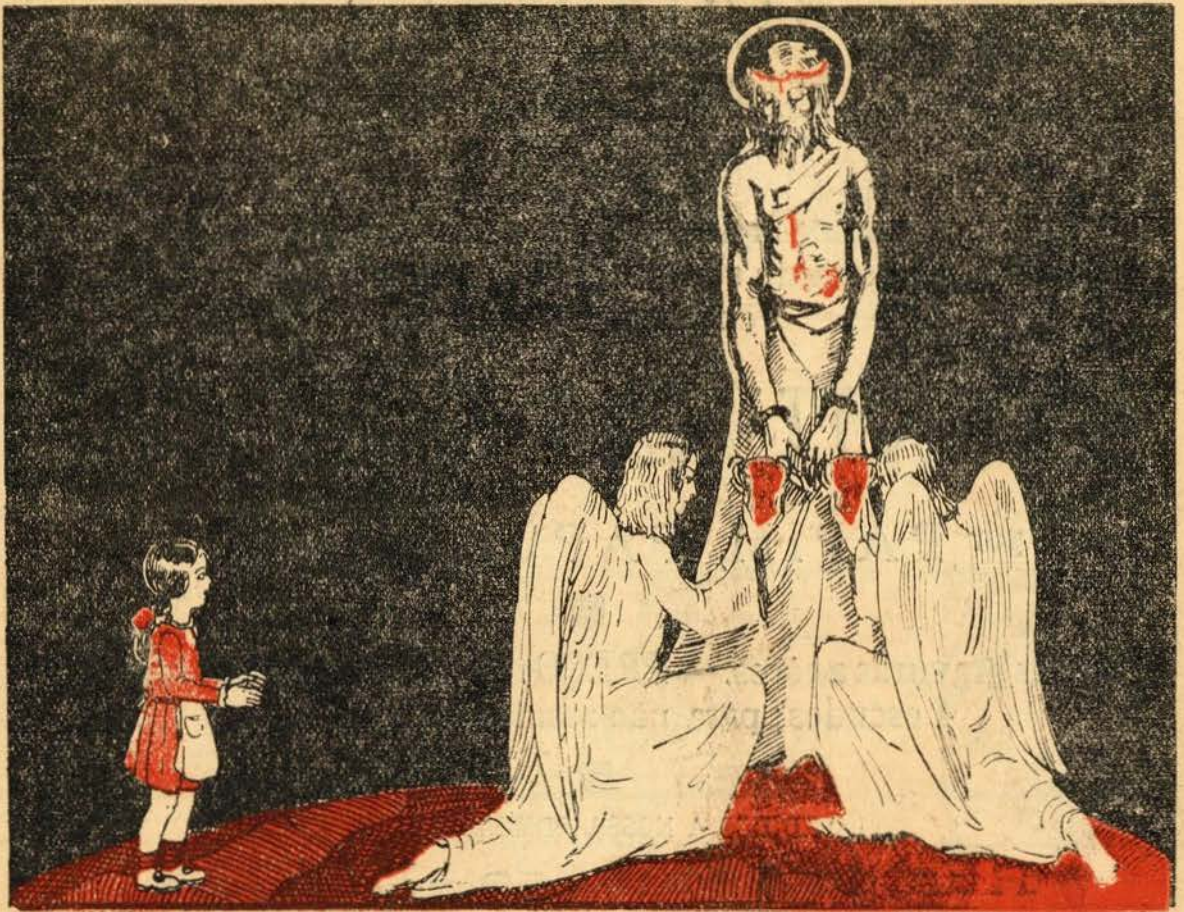
— Não saíste daqui? perguntou D. Mariana vendo-a tão sossegada.

— Não, mãezinha, respondeu ela com alguma hesitação. Agora que o mal estava feito, é que começava a ter medo das consequências. Chegaram ao fim do jantar e, como a criada servisse outro doce, Joaquina teve esperança que a mãe se tivesse esquecido das trouxas de ovos. Mas tal não aconteceu, sendo a própria D. Mariana quem as foi tirar do armário. O espanto foi geral ao verem o prato sem nada: as trouxas tinham desaparecido.

— Joaquina, foste tu que as comeste? perguntou a mãe.

E ela mentiu mais uma vez, afirmando que não tinha saído do quarto, mas, ao dizer isto, fez-se muito encarnada, deixando todos desconfiados. Não se falou mais em tal, e, à hora do costume, Joaquina deitou-se. Esteve muito tempo sem conseguir pegar no sono; a maldade pesava-lhe na consciência. Por fim, depois de dar muitas voltas na cama, adormeceu e sonhou. Por uma estrada cheia de flores e sombreada por grandes árvores, caminhava Joaquina. Alguém a seguia como a sua sombra sem que ela o presentisse. A pequenita, de vez em quando, parava para colher flores e, com elas, ia formando um ramo. Aproximou-se da beira da estrada para apanhar uma rosa. Ficou muito contente quando avistou, do outro lado, numa ladeira, uma criança brincando. Chamou-a, mas a pequena, ao vê-la, fugiu espavorida. Joaquina admirada quiz ir ter com ela e, quando se dispunha a atravessar, estacou horrorizada. Um terrível precipício a separava do outro caminho. Ao mesmo tempo ouviu perto de si uma gargalhada infernal, diabólica, que a fez estremecer. Olhou para o lado donde lhe parecera ter vindo o som. E, cheia de medo, escondeu a cara com as mãos, porque na sua frente estava o diabo. Novas gargalhadas se ouviram. Do outro lado, o seu anjo da guarda olhava-a tristemente. Joaquina, então, na ansia de se livrar do demónio, persignou-se. Imediatamente ressoou um grande grito que pôs os seus cabelos em pé. Com grande estrondo





Satanaz desapareceu. A pequena, mais pálida do que uma morta, não acreditando ainda que estivesse salva, destapou a cara e abriu as pálpebras lentamente. Mas agora tudo tinha mudado. Sobre um pequeno monte, com o corpo cheio de vergões que sangravam, estava o Salvador do mundo. Grossas lágrimas brotavam dos seus divinos olhos; a seus pés dois anjos recolhiam-nas em um precioso vaso. E Jesus falou numa voz muito triste:

— Joaquina, é por tua causa que os meus olhos choram, que estou coberto de vergões. Cada vez que desobedeceres e mentires são vergastadas que me dás, e sofrerei horrivelmente por ver a ingratição com que me tratam. Se ainda agora não te tivesses lembrado de mim, fazendo o sinal da cruz, a esta hora estarias no inferno.

Joaquina, numa súplica, estendeu os braços e, neste instante, acordou. Quando viu que tinha sido um sonho, respirou, ainda não estava refeita do susto que apanhara.

Levantou-se muito mal disposta, com vontade de confessar tudo à mãe, mas custava-lhe ser ela a primeira a falar. D. Mariana percebeu que qualquer coisa de anormal se passava na filha e, de propósito, nada disse. Estavam as duas costurando na salinha. O pensamento de Joaquina, mau grado seu, fugia-lhe para a imagem do Redentor e as suas lágrimas perseguiam-na como um remorso. Não, não queria que Jesus chorasse mais por causa dela. Chegou ao pé da mãe e disse:

— Mãezinha, fui eu que comi as trouxas de ovos. Nunca mais torno.

E desatou a chorar. Era a primeira vez que ela se acusava. D. Mariana, embora já esperasse aquela confissão, ficou admirada da sua espontaneidade e quiz saber as causas que a tinham determinado. Joaquina, então, contou-lhe o sonho que tivera. D. Mariana, agradeceu a Deus o seu auxílio, convencendo-se mais do que nunca de que aqueles que sabem esperar com confiança são sempre atendidos.

Nessa noite, Joaquina, como já nada lhe pesava na consciência, adormeceu logo e teve outro sonho; mas este muito alegre.

Não havia flores; não havia árvores. Uma ladeira muito íngreme, coberta de pedregulhos e covas. Joaquina trope-

cava a cada instante; pedras bichudas feriam-lhe os pés; mas lá ia andando sempre, reconfortada com as palavras que o Anjo da Guarda lhe dirigia. A vereda era cada vez mais íngreme; os pedregulhos aumentavam; e as covas tornavam-se maiores. A pequenita começava a desanimar, quando o anjo lhe disse:

— Coragem, estamos quasi a chegar.
Caminharam mais algum tempo. De repente Joaquina teve que fechar os olhos; uma claridade muito viva ferira-lhe a vista. Quando os abriu ficou maravilhada: no topo da ladeira, sentado sobre uma pedra e rodeado de anjos que entoavam um cântico celestial, estava o Divino Salvador. Agora já não chorava; sorria meigamente para a pequenita. E ela não se cansava de contemplar aquele rosto tão belo. Lembrou-se de ter lido num livro as palavras que Ele dissera:

— Deixai vir a mim as criancinhas...
Jesus sentou-a no colo e disse:
— Hoje estou muito contente contigo, porque me escutaste, confessando a tua falta. Quando o demônio te tentar, lembra-te que sou açoitado e que os meus olhos choram por tua causa, e assim fugirás à tentação. Agora vai em paz.

Quando Jesus a punha docemente no chão, Joaquina ouviu uma voz que lhe dizia:

— Então, minha preguiçosa, não são horas de te levantares?

E D. Mariana, sorrindo, beijou a filha.

— Ah! Mãezinha, disse a pequena radiante, que lindo sonho tive, como estou contente!

E enquanto se vestia contou-o à mãe.
— Vês, filhinha, como Deus é bom? Esses dois sonhos foram um aviso do céu, para te mostrar como o demônio engana as almas. Leva-as por uma estrada muito suave, cheia de flores e árvores frondosas mas se não fugirem a tempo caem no abismo. A ladeira íngreme, os pedregulhos e as covas, querem dizer que, para ganharmos o céu, é preciso sofrermos na terra com resignação.

Daí para o futuro, Joaquina, sempre que a tentação lhe vinha, lembrava-se das lágrimas de Jesus e nunca mais desobedeceu nem mentiu, conseguindo assim ser estimada por todos.

BIBLIOTECA
PIM-PAM-PUM

Avisam-se os meninos que inda não tenham comprado o VI volume desta interessante e útil biblioteca, de que já se encontra à venda com o título de

AVENTURAS COMICAS

por PAPIM, PAPUSSE & C.^A

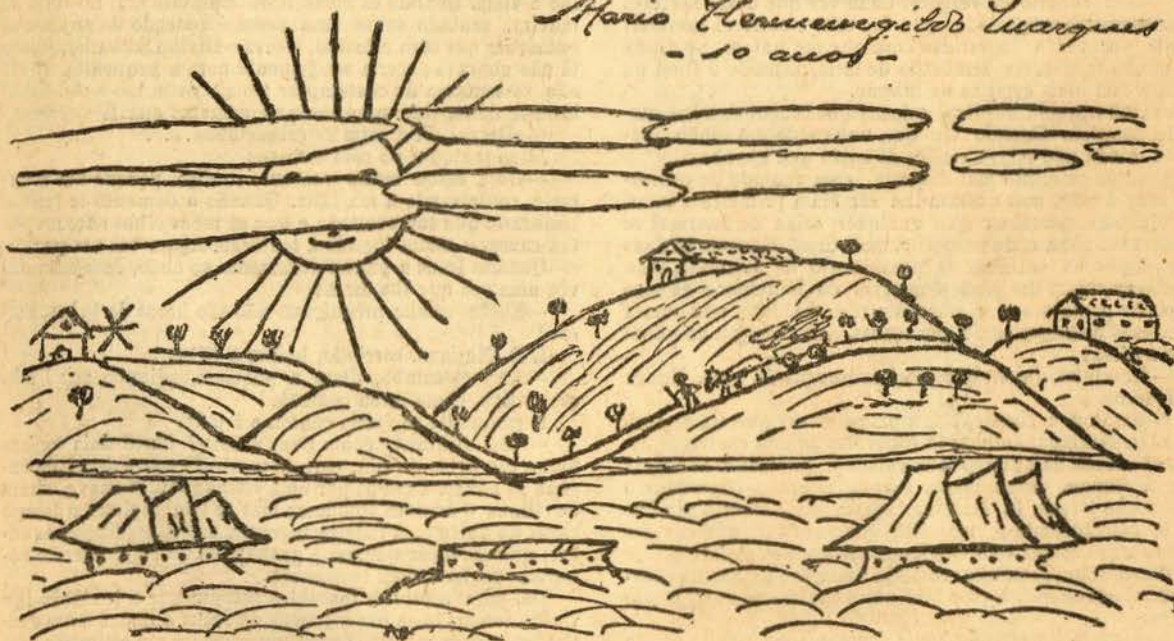
Imensas gravuras a côres. — PREÇO: Para assinantes do «Século» 4 escudos; para não assinantes 5 escudos.

PEDIDOS Á NOSSA ADMINISTRAÇÃO

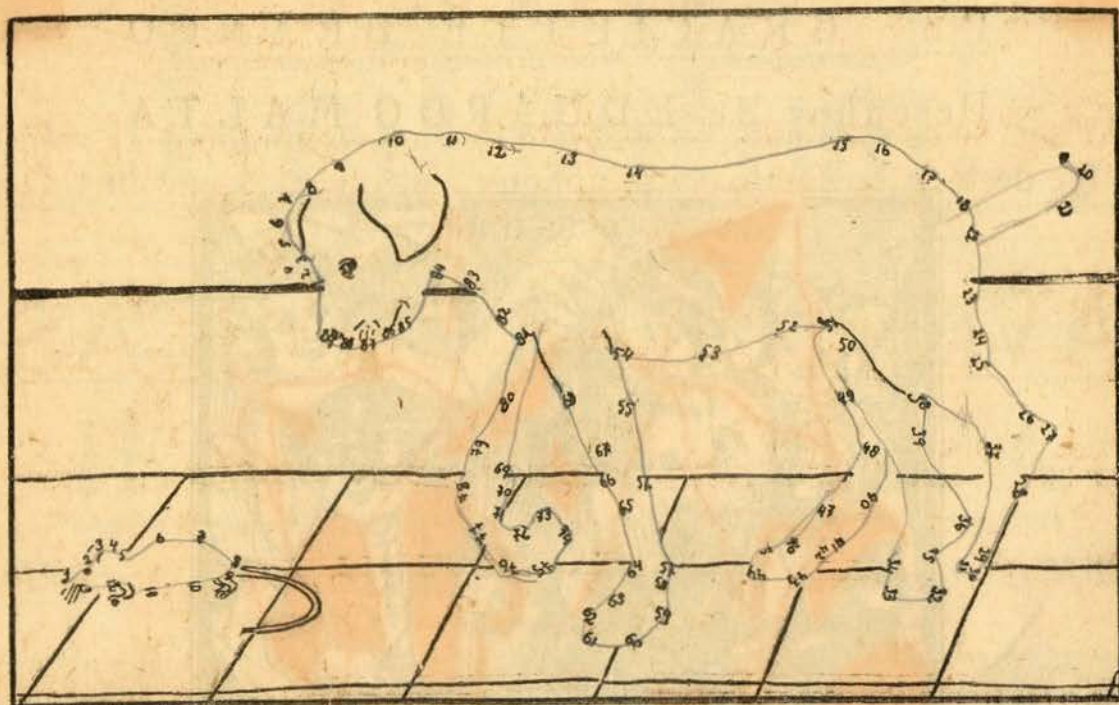
Rua do Seculo, 59 — LISBOA

Colaboração Infantil

Mario Henriques de Lacerda
- 10 anos -



LIÇÃO DE DESENHO



ADIVINHAS

I

De nascença é francêsa,
No mundo inteiro é vendida,
Passa a vida sempre presa
E se a soltam está perdida.

II

Qual a coisa, qual é ela,
Que salta como a perdiz
Que bate nos calcanhares
E chega até ao nariz?

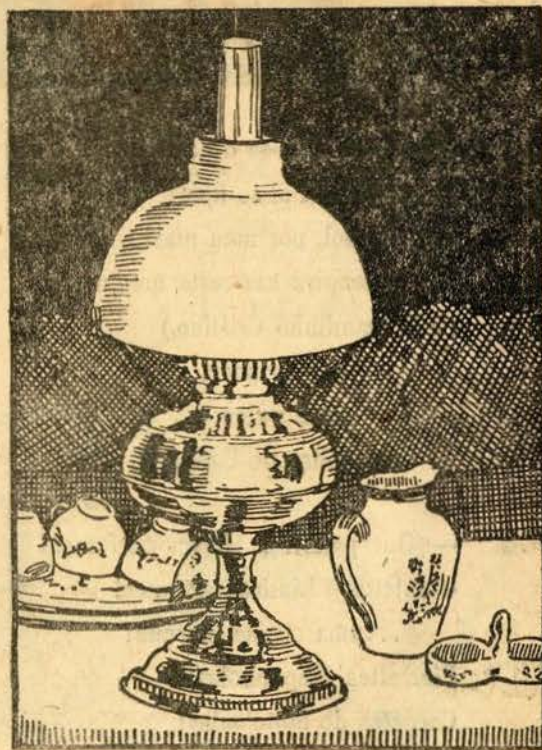
EUGÉNIA VAZ

Decifrações das anteriores:

Aveiro, Leiria, Evora, Beja, Portalegre, Faro, Guarda, Santarem, Setubal, Bragança, Braga e Covilhã.

Dos provérbios:

- 1.º — De velho conselho.
- 2.º — O olho do amo engorda o cavalo.
- 3.º — Quem tem gado não deseja mau ano.
- 4.º — A chuva em S. João tira vinho e não dá pão.



Meus meninos:

Vejam se descobrem onde se encontra o dono destes objectos.

QUE PENNA!

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de EDUARDO MALTA



«Que pena! Foi-se o Entrudo!
Foi-se tudo! Foi-se tudo!
Tudo se foi, por meu mal!...»

— suspira um certo menino,
(O Fernandinho Cristino,
que brincou,
riu e pulou,
nas noites de Carnaval.

— ¡Que pena!! ... Lança-perfumes!
«Confétis»! Lindos costumes!
... uma cigana morena!
Pierrettes! Espanholas!
Corpetes de lantejoulas!
Chales garridos... — Que pena!

Serpentinas! Mascarilhas!
Rosas! Camélias! Mantilhas!

Lustres acesos a flux,
lembrando bocas sem fala,
a rasgarem-se na sala,
em gargalhadas de luz!

— ¡Que pena! — diz de mansinho. —
Foi-se tudo! Foi-se tudo!...

— E o saúdoso Fernandinho
cerra os olhos de veludo!

Numa miragem ridente,
torna a ver a alegre scena...
e baixinho... docemente,
murmura triste; — Que pena!

F I M